

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Wilhelm Wundt

As leis da vida psíquica

Tradução¹

Mary Elizabeth Borup

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Revisão

Lívia Mathias Simão

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Título original: Gesetze des Seelenlebens²

São Paulo

2015

¹ Tradução para fins didáticos da disciplina PSE1140 - História e Filosofia da Psicologia do Instituto de Psicologia da USP.

² Wundt, W. (1911). Gesetze des Seelenlebens. Em R. Schulze (Ed.), Einführung in die Psychologie (pp. 101-129). Leipzig: R. Voigtländers Verlag.

Sumário

| | |
|---|----|
| Sumário | 2 |
| Notas sobre a tradução | 6 |
| Categorização dos objetos de estudo da psicologia wundtiana | 7 |
| As leis da vida psíquica..... | 9 |
| Conteúdo..... | 9 |
| Primeira parte – A existência de leis psíquicas..... | 9 |
| Argumentação contra o ponto de vista da psicologia materialista..... | 9 |
| Argumentação contra o ponto de vista que atribui leis somente às ciências naturais..... | 10 |
| Argumentação a favor da existência de leis psíquicas..... | 10 |
| A questão da validade universal das leis psíquicas..... | 12 |
| Segunda parte - As leis psíquicas..... | 13 |
| O princípio das resultantes criativas | 13 |
| O princípio da heterogonia dos fins | 15 |
| O princípio das relações relacionais | 16 |
| A reciprocidade entre a lei das resultantes e a lei das relações..... | 17 |
| Exemplo da correlação estreita entre o princípio das resultantes e o princípio das relações: decomposição e reagrupamento relacionais dos elementos de uma sentença formando pensamentos..... | 17 |
| O princípio dos contrastes intensificadores | 18 |
| A lei dos contrastes aplicada à História, à Economia e à Literatura..... | 19 |
| Terceira parte - Comparações entre as leis psíquicas e as leis naturais..... | 19 |
| As leis da vida psíquica não estão subordinadas às leis naturais..... | 19 |
| As leis físicas não se aplicam aos fenômenos psíquicos, mas não se pode falar em incompatibilidade entre ambos os tipos de lei | 21 |
| Valores dimensionais físicos e dimensões de valor psíquicas de um substrato estão ligados entre si..... | 22 |

| | |
|---|----|
| Crítica do princípio do paralelismo entre o psíquico e o físico | 23 |
| Quarta parte – A questão da essência da alma | 24 |
| A concepção de alma no pensamento primitivo e na mitologia | 24 |
| A concepção de alma na filosofia | 25 |
| Crítica da hipótese dualística cartesiana | 25 |
| Crítica da hipótese da substância como base de uma explicação para a vida psíquica | 26 |
| Não somente a psicologia mas todas as ciências humanas se baseiam apenas em fatos da vida psíquica para a compreensão dos fenômenos | 27 |
| A investigação do indivíduo psicofísico unificado e o princípio da atualidade da alma | 27 |
| Índice nocional e de correspondência vocabular | 29 |
| Aktualität der Seele..... | 29 |
| Atualidade da alma | 29 |
| Assimilation und Dissimilation..... | 29 |
| Assimilação e dissimilação | 29 |
| Assoziation..... | 29 |
| Associação propriamente dita | 29 |
| Apperzeption..... | 29 |
| Apercepção | 29 |
| Apperzeptionsverbindung | 30 |
| Associação aperceptiva..... | 30 |
| Bewußtsein..... | 30 |
| Consciência..... | 30 |
| Bewußtseinsvorgang | 31 |
| Processo da consciência..... | 31 |
| Beziehende Relationen..... | 31 |
| Relações relacionais..... | 31 |
| Empfindung..... | 31 |

| | |
|------------------------------------|----|
| Percepção | 31 |
| Erscheinung..... | 31 |
| Fenômeno..... | 31 |
| Gefühl | 32 |
| Sensação..... | 32 |
| Geisteswissenschaften..... | 32 |
| Ciências Humanas..... | 32 |
| Gemeingefühl..... | 32 |
| Sensação básica..... | 32 |
| Gesetzmäßig..... | 33 |
| Baseado em leis, segundo leis..... | 33 |
| Gesetzmäßigkeit..... | 33 |
| Regularidade | 33 |
| Heterogonie..... | 33 |
| Heterogonia..... | 33 |
| Intensiv..... | 33 |
| De intensidade..... | 33 |
| Psychisches Gebilde..... | 33 |
| Formação psíquica | 33 |
| Physische Größenwerte..... | 34 |
| Valores dimensionais físicos..... | 34 |
| Psychische Wertgrößen..... | 34 |
| Dimensões psíquicas de valor | 34 |
| Seelenleben | 34 |
| Vida psíquica | 34 |
| Unmittelbare Erfahrung | 34 |
| Experiência direta | 34 |

| | |
|-----------------------------------|----|
| Verbindung | 35 |
| Associação | 35 |
| Völkerpsychologie | 35 |
| Psicologia dos povos..... | 35 |
| Vorstellung..... | 35 |
| Ideia..... | 35 |
| Wirkung | 36 |
| Efeito..... | 36 |
| Zerlegung | 36 |
| Decomposição..... | 36 |
| Zusammengesetzt..... | 36 |
| Composto | 36 |
| Zusammenhang | 36 |
| Inter-relação, interconexão | 36 |
| Zweck..... | 36 |
| Fim, propósito..... | 36 |
| Referências..... | 37 |

Notas sobre a tradução

A tradução busca manter o estilo original de Wundt, bastante típico da filosofia alemã da época, assim como a fidelidade aos termos utilizados pelo autor, mesmo que se contraponham à tradução de 1912 para o inglês.

Foi preservada a ortografia da língua alemã da publicação original, ou seja, não houve adaptação do texto conforme as novas regras ortográficas vigentes desde 2006.

Termos recorrentes e centrais da teoria wundtiana, que necessitam de algum esclarecimento para a melhor compreensão do texto, estão listados no índice nocional e de correspondência vocabular. Outros esclarecimentos foram incluídos em notas de rodapé.

A tradução para o português das citações de obras em alemão e inglês, que constam na bibliografia, também são da tradutora.

Categorização dos objetos de estudo da psicologia wundtiana

Para melhor compreensão de seus textos, é útil ter uma visão geral do escopo e categorização dos objetos de estudo da psicologia, que Wundt (1897) delineou, do mais elementar ao mais complexo, sendo que objetos compostos e mais complexos resultam de inter-relações sintéticas de elementos mais simples. Por exemplo, associações de elementos psíquicos geram formações psíquicas e assim por diante. A figura abaixo permite a visualização dessa hierarquia de objetos, do mais simples ao mais complexo:

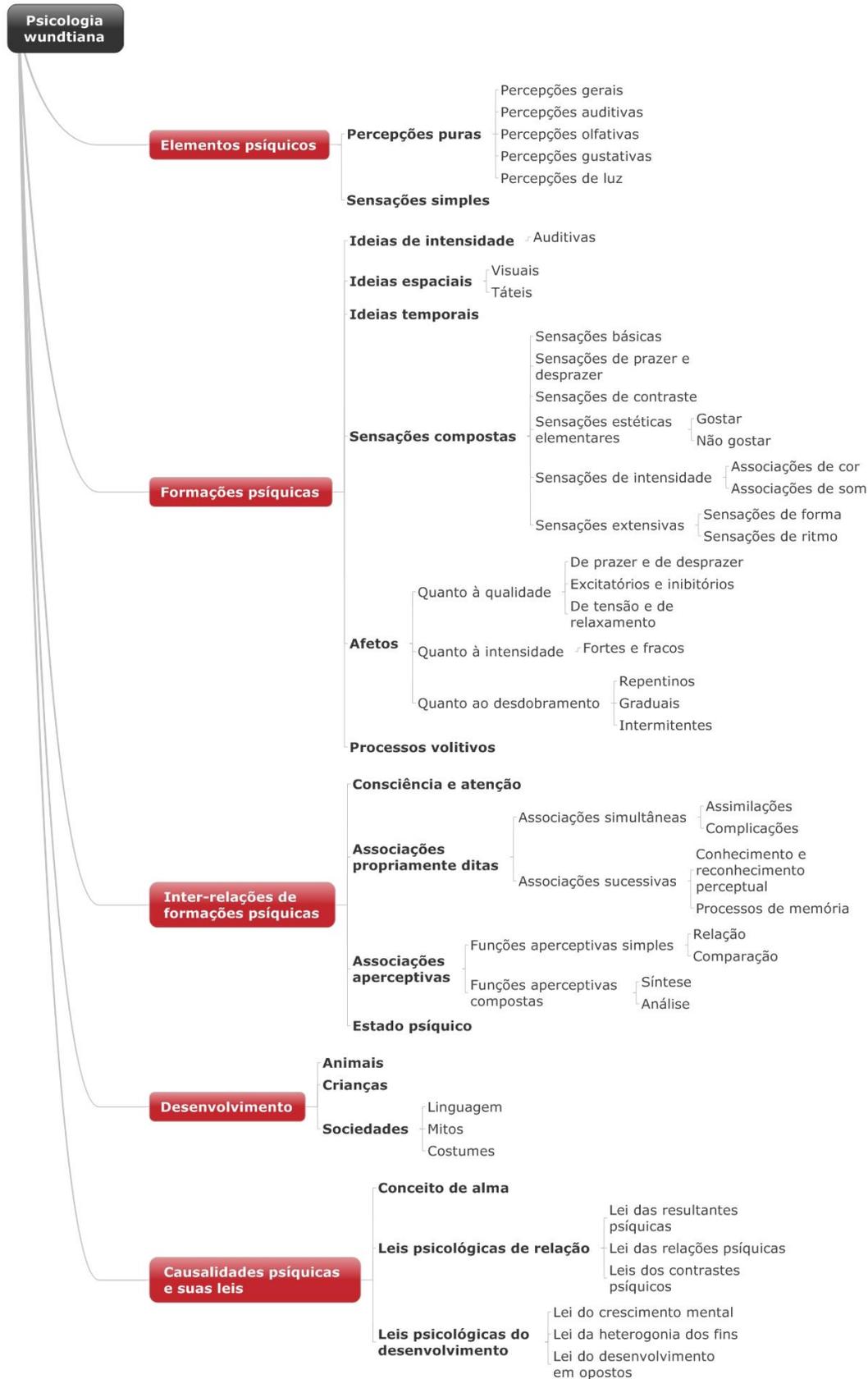


Figura 1 - Categorização dos objetos de estudo da psicologia wundtiana.

As leis da vida psíquica

Conteúdo

A relação entre leis psíquicas e leis naturais. O indivíduo psicofísico. A questão da validade universal das leis. A questão da validade universal das leis. O princípio das resultantes criativas. O princípio da heterogonia dos fins. O princípio das relações relacionais. O princípio dos contrastes intensificadores. As perspectivas psicológica e física. A relação entre as dimensões de valor psíquicas e os valores dimensionais físicos. Elementos físicos e psíquicos. A essência da alma. Perspectivas mitológicas. A hipótese da substancialidade. O princípio da atualidade da alma.

Primeira parte – A existência de leis psíquicas³

Argumentação contra o ponto de vista da psicologia materialista

A existência de leis especiais da vida psíquica (*Seelenleben*), entendidas como regularidades específicas dos eventos e diferentes das leis físicas gerais, tem sido negada por alguns psicólogos e filósofos. Alguns explicam que tudo o que se pode chamar de lei psíquica seria simplesmente um reflexo psicológico de inter-relações físicas composto de percepções (*Empfindungen*) associadas a certos processos cerebrais centrais. Outros afirmam que no domínio mental não haveria leis de forma alguma. Segundo eles, um contraste essencial entre as ciências naturais e as ciências humanas (*Geisteswissenschaften*) consistiria precisamente no fato de que as primeiras se remeteriam⁴ (*zurückführten*) somente a leis definitivas, enquanto que as últimas estariam totalmente destituídas de uma ordem dos fenômenos (*Erscheinungen*) baseada em leis (*gesetzmäßig*). Podemos pôr de lado o primeiro desses pontos de vista, ou seja, o da psicologia materialista. Ele é refutado em todos os fenômenos da consciência (*Bewußtsein*) que discutimos até agora, pois falha na possibilidade de existência mesma da consciência, que não pode ser derivada de nenhuma característica física de moléculas nem de átomos materiais. A indisputável asserção de que não existem processos da consciência (*Bewußtseinsvorgänge*), que não estejam de alguma forma atados a processos físicos, é transformada então, através dessa hipótese materialista, no dogma de que os próprios processos da consciência seriam, de acordo com a sua real essência, processos físicos. No entanto, esta é uma afirmação que está em contradição com a nossa experiência direta (*unmittelbar*). Através dela, o

³ A divisão do texto em partes e capítulos não consta na versão original, porém foi inserida pela tradutora para melhor orientar os leitores, no que diz respeito à linha de raciocínio do texto.

⁴ O verbo *zurückführen* (*auf*) significa remeter-se (a), no sentido de volta à base ou à origem (em vez de: reduzir a).

homem, assim como todo ser vivo semelhante a ele, é, para nós, dado como uma unidade psicofísica e não somente física.

Argumentação contra o ponto de vista que atribui leis somente às ciências naturais

O segundo ponto de vista, que atribui somente às ciências naturais leis no sentido de regras, com validade universal para os eventos, e que, portanto, a princípio, limita a psicologia a uma descrição de fatos, os quais aparecem ordenados puramente por coincidência ou de maneira arbitrária em suas associações (*Verbindungen*), baseia-se em uma aplicação claramente errônea do conceito de lei. Acredita-se que apenas as regularidades dos eventos, que se repetem sem se transformarem e sempre da mesma maneira⁵ (*unabänderlich stets in der gleichen Weise*), poderiam ser consideradas como baseadas em leis. Tais leis não existem de forma alguma, nem mesmo nas ciências naturais. De fato, o seguinte princípio é válido universalmente: leis determinam o curso dos fenômenos, somente enquanto não forem anuladas por outras leis. Como, em consequência da natureza complexa de todos os fenômenos, todo processo está geralmente sob a influência de muitas leis, ocorre então que nem a mais universal das leis naturais, em sua força total, pode ser demonstrada na experiência. Por exemplo, não há nenhuma lei da Mecânica à qual possamos atribuir maior validade universal do que à chamada lei da inércia. Ela pode ser formulada pela frase: “Se um corpo, posto de alguma forma em movimento, não experimentar nenhuma influência de efeitos (*Wirkungen*) de forças adicionais, então continua seu movimento na mesma direção e com a mesma velocidade perpetuamente.” Está claro que essa lei não pode se realizar na experiência, nunca e em nenhum lugar, justamente porque o caso da independência dos efeitos de forças adicionais causadoras de mudança no movimento não existe nunca, e em nenhum lugar. Entretanto, a lei da inércia é válida para nós como uma lei natural irrefutável, visto que todos os processos de movimento se deixam contemplar como modificações, baseadas em uma lei, desse caso ideal de movimento, independente de todas as influências externas, o que, por sua vez, nunca se dá na experiência concreta.

Argumentação a favor da existência de leis psíquicas

Confrontemos agora a questão da existência ou não-existência de leis psíquicas, munidos desses pontos de vista comumente aceitos nas ciências naturais. Em primeiro lugar, entende-se por si só, que

⁵ Embora pareça que Wundt esteja sendo redundante, ao incluir na mesma sentença “sem mudança” e “da mesma maneira”, de fato, ele está sendo bastante preciso, pois se refere a dois aspectos distintos: à inalterabilidade dos próprios eventos e à imutabilidade na forma como tais eventos se repetem. A tradução para o inglês considerou apenas o último aspecto.

podemos considerar como leis psíquicas somente as regularidades contidas nos processos da consciência e não fora dela, como por exemplo as que pertencem aos processos fisiológicos do cérebro. Então, a partir daí, associações de percepções (*Empfindungen*) ou sensações (*Gefühle*) simples, formando ideias (*Vorstellungen*), afetos etc., complexos, poderão ser chamadas de leis psíquicas, se as mesmas ocorrerem regularmente. Por outro lado, o fato de que, por exemplo, se um ponto luminoso aparece no campo escuro de visão, as linhas de visão de ambos os olhos se ajustam a este ponto, é uma lei fisiológica, e não uma lei psíquica. Obviamente, tais leis físicas, como esse exemplo mostra, podem exercer uma influência decisiva sobre a eficácia de certas leis psíquicas; mas isso não impede a separação nítida entre ambos os tipos de lei, em que, para se assumir que uma lei é psíquica, adere-se ao princípio de que tanto os componentes quanto as resultantes dos efeitos de tais leis são partes constituintes da consciência direta, ou seja, percepções, sensações e suas associações. Aderindo a esse critério, se olharmos de relance os diversos processos da consciência, que foram mencionados na visão geral acima⁶, fica então evidente que o caráter de uma regularidade rigorosa vai de encontro a todos estes processos, certamente não no sentido de que essas leis sejam regras rígidas, sem exceção (tais leis não existem de forma alguma, como observamos anteriormente, graças à interferência dos efeitos que estão sempre presentes), mas no único sentido permissível de que todo fenômeno complexo pode ser remetido a uma co-operação⁷ (*Zusammenwirken*) de elementos, baseada em leis. Se este requisito não fosse cumprido, então, não existiria nenhuma coesão da nossa vida psíquica, que se dissolveria num caos de elementos não relacionados entre si; e a própria consciência, que é exatamente o oposto desse tipo de desordem caótica, não seria possível. Portanto, cada ideia é uma associação de percepções baseada numa lei. Um dado som de um determinado timbre é composto de percepções tonais elementares, sem se transformar e sempre da mesma forma. É certamente um fator⁸ (*Moment*) importante, para essa lei psíquica da fusão de tons, que certas fontes de som objetivas, como cordas, câmaras de ar⁹ (*Lufträume*), possuam propriedades físicas, graças às quais tais associações regulares de qualidades tonais surgem; mas estes próprios fatos físicos não têm nada a ver com estas leis. Se a nossa consciência não fosse constituída para esse tipo de associação baseada em lei, então todos os fatores objetivos ficariam sem efeito. A consciência se comporta da mesma maneira no que diz respeito à associação entre percepções luminosas, formando ideias espaciais, à união de imagens de um objeto no olho direito e no esquerdo, em uma imagem corpórea íntegra, ao surgimento de sensações completas

⁶ Wundt se refere à exposição feita nos capítulos anteriores do livro.

⁷ *Zusammenwirken* é melhor traduzido, nesse contexto, como co-operação (em vez de: operação conjunta, cooperação), significando operações, efeitos que ocorrem em conjunto.

⁸ *Moment*, nesse contexto, significa fator (em vez de: momento).

⁹ *Luftraum* significa, nesse contexto, câmara de ar (em vez de: espaço aéreo). Wundt se refere a objetos que possuem alguma cavidade com ar e que, através dela, produzem som, como os instrumentos de sopro.

únicas, a partir de sensações parciais, como observamos em relação à sensação básica (*Gemeingefühl*) e às sensações elementares estéticas e, finalmente, à construção dos afetos e processos volitivos, a partir de seus elementos. Mas, começando-se com cada um desses processos mais ou menos complexos da consciência, esse caráter da regularidade se estende, sobretudo também à sucessão temporal dos processos. Por mais insatisfatórias que as generalizações da antiga teoria das associações possam ser, seu erro principal consistiu não tanto na postulação de leis prematuras¹⁰, mas, principalmente, por não tentarem penetrar, de forma suficientemente profunda, nos fundamentos baseados em lei dos processos associativos, através da análise dos mesmos. Finalmente, as associações de apercepção (*Apperzeptionsverbindungen*) dão um último e retumbante testemunho a favor desse caráter, baseado em leis, das experiências psíquicas. Já temos conhecimento de que as associações do pensamento são produtos específicos das associações de apercepção que, por sua vez, são, é claro, completamente baseados em leis associativas. Não pode haver uma prova mais adequada para o caráter absurdo da teoria da não-regularidade dos eventos psíquicos, mencionada acima, do que a consequência para a qual ela na verdade nos deveria conduzir. Pois esta consequência consistiria, evidentemente, na declaração do próprio conceito de lei como sendo contrário à lei. Este conceito é, no entanto, nada mais do que um dos resultados dessas associações psíquicas de pensamento, cuja natureza, baseada em leis, é contestada.

A questão da validade universal das leis psíquicas

Seria ir longe demais ingressar na amplitude de cada uma das leis psíquicas. Em todo caso, já refletimos previamente sobre seu caráter geral, nos capítulos sobre associação e apercepção. No entanto, assim como nas ciências naturais, sobre cada uma das leis dos eventos, erguem-se leis fundamentais mais gerais, que também descrevemos como princípios de pesquisa, desde que sejam válidas como requisitos universais, aos quais a pesquisa deve se adequar. Então, da mesma forma, poderemos estabelecer no campo da psicologia leis fundamentais, que não estejam contidas em cada uma das regularidades dos eventos, pois essas leis fundamentais só são obtidas a partir de uma visão geral e sintetizante desses eventos. Por exemplo, no campo da física mecânica, o princípio da inércia, utilizado acima, conta como lei fundamental de validade universal. Em um escopo mais amplo, a lei da conservação da matéria e o princípio, próximo à ela, da conservação da força ou energia,

¹⁰ O filósofo David Hume, em sua teoria associacionista, prevê três leis de associação das ideias: a lei da semelhança, de acordo com a qual, o pensamento corre de uma ideia para outras similares; a lei da contiguidade, segundo a qual, ao pensarmos em um objeto, tendemos a nos lembrar de outros objetos provenientes de experiências próximas, no espaço e no tempo, ao objeto pensado inicialmente; e a lei da causa e efeito, pela qual, tendemos a pensar nas causas de um efeito, sempre que pensarmos em tal efeito (Hergenhahn, 2009, pp. 146-147).

reivindicam a mesma validade. Assim, devemos perguntar: existem princípios psicológicos de semelhante validade universal?

Antes de tentarmos responder a essa pergunta, devemos nos lembrar de uma limitação, à qual, até no campo das ciências naturais, o requisito da validade universal dos princípios mais importantes está necessariamente sujeito, e a qual podemos supor válida, ainda em maior grau, no campo mental, graças à natureza incomumente complexa dos fenômenos desse campo. Essa limitação consiste no fato de que a validade de toda lei fundamental está presa a certos pré-requisitos, sendo que, quando eles deixam de ser satisfeitos, os princípios também se tornam questionáveis ou inválidos. Assim, o princípio da conservação de energia é válido somente enquanto as dimensões de energia mensuradas pertencem a um sistema fechado, ou seja, material e finito. Ele perde sua validade, se o sistema for de extensão infinita ou mesmo se for limitado, mas estiver, alguma vez, sujeito a influências vindas de fora. Considerando-se as condições que surgem através da idiosincrasia dos eventos psíquicos, deveremos utilizar uma limitação análoga à essa última também no que diz respeito às leis psíquicas fundamentais, que são obtidas a partir de cada uma das regularidades psicológicas, por meio de generalização. Graças ao vínculo dos eventos psíquicos à interconexão da consciência, essas leis psíquicas serão válidas apenas dentro dos limites, nos quais ocorrem pelo menos uma inter-relação (*Zusammenhang*) de processos psíquicos. Será obtida assim uma lei fundamental que, por exemplo, controla a construção de processos psíquicos complexos a partir de seus elementos. Mas não faz nenhum sentido estabelecer tal lei para processos totalmente díspares, que não estejam em relação alguma na consciência dada. Pode ser que, por isso, os limites de validade dos princípios psicológicos sejam impostos mais restritamente do que os das leis naturais universais. No entanto, isto está associado ao fato de que a psicologia está absolutamente focalizada em relações internas, ao invés de externas. Também não podemos nos esquecer de que essa limitação pode ser compensada através do caráter das próprias leis psíquicas fundamentais. De fato, o exame da primeira e mais universal dessas leis nos mostrará que tal premissa está correta.

Segunda parte - As leis psíquicas

O princípio das resultantes criativas

Esta primeira lei fundamental se refere à relação dos componentes contidos num processo psíquico composto (*zusammengesetzt*) com a resultante unificada que eles formam. Essa relação pode variar extraordinariamente, no que diz respeito ao seu conteúdo qualitativo, tanto que, em relação à qualidade dos elementos e às suas associações, cada processo psíquico em si é incomparável. Assim, não

podemos comparar percepções de luz elementares com qualidades tonais, nem tão pouco uma imagem visual espacial com um acorde. Também não podemos fazer um paralelo, por completo, em termos de seus conteúdos qualitativos, das relações de ambos esses pares com aquelas dos elementos de uma sensação estética com esta própria sensação, de cada sensação de um afeto com o conteúdo total deste afeto, dos componentes sensoriais e ideacionais de motivos com o processo volitivo (*Willensvorgang*), no qual eles são integrados. No entanto, todos esses casos são regidos por um único princípio, no que diz respeito à relação formal dos componentes de um processo com a sua resultante. A esse princípio, chamaremos, sucintamente, de princípio das resultantes criativas. Esse princípio diz que, em todas as associações psíquicas, o produto não é uma mera soma dos elementos nele integrados. De fato, o produto caracteriza uma nova criação, mas que, não obstante, de acordo com a sua constituição, já está pré-formada nesses elementos, de modo que outros componentes não são nem necessários para o seu surgimento, nem podem ser considerados possíveis do ponto de vista da interpretação psicológica. Assim, nas percepções de luz da retina e nas percepções, em fusão com as primeiras, de tensão do olho, quando este se movimenta e se posiciona, já está todo o essencial necessário para o surgimento de uma determinada imagem espacial. Ao mesmo tempo, esta mesma formação espacial é nova e, em relação às suas características resultantes, ainda não está contida naqueles elementos. Da mesma forma, um ato volitivo, que se forma sob o efeito de uma pluralidade de motivos, que parcialmente se apoiam e parcialmente se antagonizam, é o produto necessário deste efeito motivacional, de modo que qualquer processo específico, que estiver fora desses elementos motivacionais, não poderá ser encontrado na observação. Não obstante, tal ato de vontade não é uma mera soma dos elementos motivacionais, mas algo novo, que agrega esses elementos em uma resultante unificada. Da maneira mais clara possível, encontramos essa natureza criativa e, ainda assim, absolutamente baseada em lei dos eventos psíquicos, nas associações aperceptivas, onde já tem sido reconhecida, tacitamente, há muito tempo. Todos sabem, que o fruto de uma dedução lógica, fundamentada em uma cadeia de atos de pensamento individuais, pode ser um resultado de cada um destes atos, que esclarece mais o nosso pensamento cognitivo. Tal resultado nos era totalmente desconhecido mas, contudo, quando analisamos retroativamente o modo como foi criado, ele surge convincentemente a partir daquelas premissas. É principalmente sobre esse caráter criativo das associações aperceptivas que se constrói a regularidade (*Gesetzmäßigkeit*) do desenvolvimento psíquico. Tal regularidade revela, em parte, a consciência singular durante a vida individual e, em parte, todo o desenvolvimento psíquico no seu contexto transmitido através da cultura e da história. A asserção, feita às vezes com base em preconceções dogmáticas, de que a lei da conservação, que é válida para as forças da natureza, teria que necessariamente manter também a vida mental sempre no mesmo nível de suas dimensões de valor, é refutada, assim, através da existência da história do desenvolvimento, tanto individual quanto

geral. Evidentemente, isso não exclui a possibilidade de que, graças às condições acima mencionadas, às quais todas as inter-relações psíquicas estão subordinadas, tanto aqui quanto lá, possam ocorrer interrupções individuais do curso do desenvolvimento, e, como consequência, possam ocorrer também movimentos regressivos. Mas, em todos esses casos, a associação entre o crescimento criativo e a regularidade rigorosa, que marca a vida mental, se manifesta no fato de que, principalmente nos processos mais intrincados e nas formas de desdobramento mais abrangentes dos eventos, as resultantes futuras nunca podem ser pré-determinadas; no entanto, inversamente, começando-se das resultantes dadas, e em condições favoráveis, é possível uma dedução exata a partir dos componentes. Tanto o psicólogo quanto o historiador conduzido pelo espírito psicológico são profetas orientados em direção ao passado. Quando no ápice da sua tarefa, é capaz não apenas de dizer o que aconteceu, mas também o que deveria ter necessariamente acontecido, de acordo com as circunstâncias. Na prática, este ponto de vista já é reconhecido nas ciências históricas basicamente há muito tempo. No entanto, não deve ser considerado de menor valor, que a psicologia possa demonstrar esse mesmo princípio das resultantes até nas mais simples percepções dos sentidos e mudanças de humor, onde, ao mesmo tempo e graças à simplicidade das condições, a dedução regressiva se transforma frequentemente numa previsão dos fenômenos.

O princípio da heterogonia dos fins

A lei das resultantes passa por uma mudança significativa nos casos em que, em um desdobramento de processos psíquicos, efeitos secundários, que estão fora do campo das resultantes diretamente produzidas, vêm à tona e se tornam condições independentes para novos efeitos, que se associam com aquelas resultantes diretas, formando um resultado complexo. Nestes casos, pode até mesmo acontecer que os efeitos secundários ganhem valor preponderante e, desta forma, reduzam as próprias resultantes originais a simples efeitos secundários ou, em última instância, as façam desaparecer totalmente. Um desdobramento desse tipo pode, no caso de inter-relações mais longas, se repetir várias vezes, um atrás do outro e, assim, produzir uma cadeia de processos cujos elementos integrantes se distanciem cada vez mais dos pontos de partida da sequência de fenômenos. É principalmente através dos processos volitivos, constituídos de todas as outras formações psíquicas, que essa modificação do princípio das resultantes pode ser demonstrada em numerosos fenômenos, especialmente naqueles que pertencem à psicologia dos povos (*Völkerpsychologie*) e à história da cultura. Uma ação originada de um certo motivo gera, além dos fins (*Zwecke*) já pré-formados no motivo, outros efeitos sem finalidade direta. Na medida em que estes efeitos entram na consciência e ativam ali sensações e impulsos, tornam-se, por sua vez, novos motivos, que complicarão, modificarão ou substituirão o ato volitivo original por

outro. Podemos chamar a essa modificação da lei de resultantes de princípio da heterogonia (*Heterogonie*) dos fins, de acordo com esta forma fundamental segundo a qual ocorre. Este princípio é de eminente importância para o desenvolvimento da consciência total e individual, especialmente porque os efeitos decadentes dos motivos originais quase sempre se conservam, pelo menos em alguns traços, lado a lado, àqueles que os substituíram. Em numerosos de nossos hábitos e costumes, e especialmente nos rituais¹¹ (*Kulthandlungen*) religiosos transmitidos de um passado longínquo, estes resíduos de fins prévios continuam a viver em formas hoje não compreendidas. Assim, não apenas os próprios fenômenos, mas também o surgimento dos fins vigentes permanecerá obscuro, enquanto não nos dermos conta do princípio de longo alcance da heterogonia.

O princípio das relações relacionais

O princípio das relações relacionais (*Prinzip der beziehenden Relationen*) está mais distante da lei das resultantes como princípio complementar, mas, ao mesmo tempo, é, em certo sentido, uma expressão dessa regularidade psíquica. Assim como a lei das resultantes congrega as formas da síntese psíquica em uma expressão unificada, a lei das relações pode ser válida como um princípio analítico, que subordina as relações dos componentes contidos nessa totalidade sintética a uma regra universal. Esta regra consiste no fato de que os elementos psíquicos de um produto estão em relações internas uns com os outros. Esse produto emerge necessariamente de tais relações, enquanto que, ao mesmo tempo, o caráter de nova criação, que todas as resultantes psíquicas emergentes possuem, é motivado por essas relações. Entendemos por relações internas aquelas que dependem da constituição qualitativa de cada conteúdo, e que, deste modo, opõem-se às relações externas, que, por sua vez, são determinadas por seu arranjo formal, no que diz respeito a uma relação especificamente diferente e, ao mesmo tempo, complementar. Nesse sentido, a relação entre as relações externas e internas corresponde, respectivamente, à relação entre a perspectiva das ciências naturais e da psicologia sobre os fenômenos. Os processos naturais são totalmente determinados pela inter-relação das relações temporais e espaciais, nas quais os elementos dos eventos estão uns com os outros. Os processos psíquicos, ao contrário, podem até, em consequência da aderência aos fenômenos naturais, similarmente não serem capazes de renunciar a estas determinações externas, mas a sua essência mais inerente se baseia nas relações internas e qualitativas dos elementos associados, que formam uma totalidade.

¹¹ *Kulthandlung* significa ritual (em vez de: cerimônia).

A reciprocidade entre a lei das resultantes e a lei das relações

A lei das resultantes e a lei das relações estão em contínua reciprocidade uma com a outra. Ambas compreendem todas as unidades dos eventos psíquicos que, de alguma forma, se inter-relacionam, desde cada um dos processos ideacionais e processos sensoriais complexos, até os desenvolvimentos mais abrangentes, individuais e gerais, da vida mental. Assim, a associação de uma soma de elementos tonais formando um único elemento tonal, através de um valor específico ideacional e sensorial, resultante primeiramente desta associação, baseia-se completamente nas relações qualitativas e de intensidade (*intensiv*), nas quais esses tons estão uns com os outros. Isto resulta claramente da dependência, baseada em lei, das resultantes e das relações entre si, sendo que qualquer mudança nas relações modifica também a constituição das resultantes de forma correspondente. De maneira similar, uma imagem visual espacial está atrelada às relações dos elementos qualitativos e de intensidade da retina e das percepções de tensão do olho, e assim por diante. Uma sensação estética complexa é uma resultante das sensações estéticas mais simples vinculadas às partes da percepção, sendo que essas sensações, por sua vez, determinam o produto através das suas relações qualitativas. Finalmente, todos os processos de desenvolvimento mental se constroem sobre as relações de cada um dos seus fatores, através das quais eles se associam formando resultantes. O reconhecimento da importância de cada um desses princípios está, portanto, ligado a essa inter-relação entre a lei das resultantes e a lei das relações. Não podemos nos dar conta do valor psíquico da gênese criativa, sem considerarmos as relações internas dos componentes, tanto quanto não podemos compreender a peculiaridade destas relações, sem considerarmos constantemente os seus efeitos resultantes.

Exemplo da correlação estreita entre o princípio das resultantes e o princípio das relações: decomposição e reagrupamento relacionais dos elementos de uma sentença formando pensamentos

Também neste caso, as associações aperceptivas dão a prova mais convincente dessa correlação estreita entre os dois princípios, especialmente na forma de processos lógicos de pensamento, que encontram sua expressão nas associações de sentenças na linguagem. O conteúdo de pensamento de uma sentença é, em primeira instância, como vimos anteriormente (página 85), uma totalidade, mas ainda não é uma formação ideacional, na nossa consciência, elevada ao nível de clara apercepção. Nesse estágio, o conteúdo de pensamento é uma resultante de cada um dos processos precedentes de associação propriamente dita e de apercepção. Segue-se então, no segundo estágio da expressão linguística do pensamento, uma decomposição (*Zerlegung*) daquela ideia total nas suas partes. Nesta decomposição, tais partes são postas continuamente em relações relacionais umas com as outras. Estas relações são chamadas pelos gramáticos de sujeito e predicado, substantivo e adjetivo, verbo e

advérbio etc. O significado gramatical dessas categorias mostra claramente, que tal decomposição relacional, ao mesmo tempo, consiste em um sistema de relações predominantes e subordinadas umas às outras, que, justamente através dessa ordem lógica, se associam formando uma resultante unificada. Deste modo, a relação entre sujeito e predicado abrange todas aquelas outras entre substantivo e adjetivo, entre verbo e objeto ou advérbio, entre um objeto mais próximo e um mais distante, como seus elementos subordinados. Tais elementos estão associados entre si, em parte através de suas próprias relações e, em parte, através das relações com os elementos mais gerais da sentença. Isto explica também o fato psicológico de que, depois que esse processo de divisão do pensamento em partes termina, a ideia total está, como no começo, na consciência, só que, desta vez, de forma mais clara. De maneira similar, cada uma dessas construções do pensamento se associam formando cadeias de pensamentos mais abrangentes, cujas formas mais simples encontram expressão nos processos de inferência.

O princípio dos contrastes intensificadores

Assim como a lei das resultantes encontra no princípio da heterogonia dos fins, em certos casos especialmente significativos, uma aplicação específica e, ao mesmo tempo, uma complementaridade, o princípio dos contrastes intensificadores também é uma aplicação e um suplemento da lei das relações. Tal princípio abrange as relações dos elementos psíquicos e formações psíquicas, que estão atreladas a certos valores limite dos componentes de uma totalidade, que são qualitativos e de intensidade. No campo das construções de ideias, já encontramos tais efeitos de contraste nas assimilações e dissimilações (*Assimilationen und Dissimilationen*) associativas. Nesses casos, vimos que, em um certo valor limite de diferença entre duas percepções ou ideias; por exemplo, dois segmentos de espaço ou de tempo, duas percepções tonais ou de luz; a assimilação presente em uma diferença menor do que esse limite, de repente, se torna uma dissimilação. Ou seja, as impressões não mais se alinham umas às outras; ao contrário, elas se intensificam opostamente. Em uma outra forma especialmente significativa, encontramos o mesmo princípio no caso das sensações, onde ele se relaciona com a dualidade das sensações, válida para todos os processos sensoriais e suas associações. Em consequência dessa dualidade, como já vimos, toda sensação está de fato acompanhada de uma outra contrastante: o prazer do desprazer, a excitação do acalmar-se, a tensão do relaxamento. Aqui, o princípio das relações se expressa na forma de lei dos contrastes, principalmente nos casos em que a alternância entre sensações contrastantes aumenta os próprios contrastes. Assim, uma sensação de prazer se torna mais intensa e, em sua qualidade específica mais claramente percebida, quando uma

sensação de desprazer a precede. Semelhante é a relação entre excitação e acalmar-se, entre tensão e relaxamento.

A lei dos contrastes aplicada à História, à Economia e à Literatura

A lei dos contrastes também não se limita somente à relação de cada um dos conteúdos da consciência, justapostos ou sucessivos; mas produz seus efeitos mais significativos quando se estende sobre séries mais abrangentes de fenômenos da vida mental. Assim, existe um comentário feito há tempos por historiadores-pensadores afirmando que, no desenvolvimento histórico, não só os períodos de ascendência e decadência, mas também os de uma direção especial da vida mental, sucedem-se uns aos outros. Estes períodos se fortalecem de tal maneira, tanto na impressão que eles exercem sobre nós como nas relações objetivas entre eles, que a fase seguinte é sempre ressaltada através do contraste com a fase precedente. Assim, só para tomar um exemplo de um passado mais próximo, a nossa literatura do período Clássico claramente conservou a sua marca mental peculiar de calma contemplativa e beleza de formas, sobretudo, através do contraste com o período de “Tempestade e Ímpeto” (*Sturm und Drang*) incitado por afetos fortes. Da mesma forma, o Romantismo tendendo ao culto da fantasia e ao culto de um passado poeticamente idealizado foi influenciado pelo contraste com o Iluminismo de claro raciocínio, que considerava o presente como o fruto mais maduro do desenvolvimento humano. Por fim, essa alternância de contrastes se movimenta, mais claramente e com oscilações mais curtas nos processos da vida econômica, onde é parcialmente apoiada pela alternância das condições culturais. Neste caso, os contrastes nítidos se explicam, como podemos observar, por exemplo, nas flutuações das condições de crédito e das conjunturas das bolsas de valores, exclusivamente a partir da característica da vida emocional humana de oscilar entre esperança e hesitação e de, durante esta oscilação, intensificar o afeto.

Terceira parte - Comparações entre as leis psíquicas e as leis naturais

As leis da vida psíquica não estão subordinadas às leis naturais

Considerados em seu contexto total, os princípios apresentados até aqui, dos quais o segundo e o quarto são aplicações especiais das duas leis fundamentais das resultantes criativas e das relações relacionais, podemos observar que tais princípios não estão simplesmente associados uns com os outros, estreitamente, mas também que eles se opõem, como leis completamente díspares e incomparáveis, àqueles princípios universais aos quais a totalidade dos fenômenos da natureza se subordina. Acreditava-se, frequentemente, que uma contradição na relação entre essas leis psíquicas universais e

as leis da natureza havia sido encontrada. Uma vez que se considerava as leis da natureza como mais universais e mais imperativas, os princípios psíquicos eram caracterizados como generalizações inadmissíveis, quando não eram absolutamente ignorados, o que, via de regra, acontecia. As discussões acima devem ter mostrado suficientemente que, de fato, na interpretação dos processos psíquicos, desde as mais simples percepções dos sentidos e associações de sensações até os mais intrincados processos psíquicos com que nos confrontamos na sociedade e na história, não podemos dar nenhum passo sem, impreterivelmente, nos depararmos com esses princípios, caso sigamos estritamente a máxima de analisarmos os processos psíquicos no seu próprio contexto, e desde que sejam apresentados como processos associados entre si. Na verdade, a partir daí, a contradição ou a inobservância dessas leis baseia-se na máxima inversa: os próprios princípios psíquicos não devem ser decisivos para os princípios que os determinam, mas, ao contrário, as leis naturais, que se baseiam nos fenômenos externos da natureza, devem controlar também a vida psíquica. Nesse sentido, a lei da conservação da energia foi considerada também como uma lei fundamental de todos os desenvolvimentos mentais. E é até com a finalidade de assegurar a independência da vida mental, que se construiu o conceito de uma “energia psíquica”, que estaria sujeita à lei da conservação da energia nas suas transformações, juntamente com a energia mecânica, térmica, eletromagnética e eventualmente ainda outros tipos de energia. Não temos uma unidade de medida para esta energia psíquica, mas como ela constantemente se insere entre outras dimensões de energia física, então se assumiu que ela poderia ser inserida, mesmo sem mensuração direta, na série de transformações que se processam de acordo com equivalências fixas, como se ela fosse, não uma dimensão diretamente mensurável em si, mas uma dimensão medida através das energias físicas equivalentes a ela. Assim sendo, por exemplo, ela poderia ser inserida entre um certo quantum de energia química, que é fornecido de fora ao organismo, e um quantum equivalente de calor e energia mecânica de trabalho, que o organismo cede para o meio. Com isso, um princípio, como o das resultantes criativas, seria, obviamente, totalmente incompatível com o princípio da conservação de energia, ou ele não pertenceria à regularidade universal da vida psíquica. Esta relação pode, evidentemente, ser invertida, e chegamos então ao resultado de que, antes de mais nada, a regularidade psíquica está fora da lei da energia. Portanto, aquela tal inserção da energia psíquica no processo de transformações energéticas se torna uma ficção arbitrária. Isto procede também do fato de que poderia se inserir qualquer outro processo fictício e arbitrário, por exemplo, um milagre, na série dessas transformações.

As leis físicas não se aplicam aos fenômenos psíquicos, mas não se pode falar em incompatibilidade entre ambos os tipos de lei

Assim, na maioria das vezes, nas aplicações das leis físicas aos fenômenos psíquicos, não se apoia em fatos empíricos, mas em um princípio metafísico, a saber, na demanda por uma visão de mundo monista¹². Este conceito é certamente justificado, desde que se baseie em um requerimento lógico e seja capaz satisfazê-lo. Se não o fizer, esse pressuposto monismo se transforma em um verdadeiro dualismo como, por exemplo, aconteceria claramente com a explicação racionalista sobre milagres já mencionada. Cientificamente, o monismo só se justifica de fato na abordagem da relação entre o físico e o psíquico, desde que enfatize que o ser humano não pode ser contemplado nem como um ser puramente físico nem tampouco como um ser puramente psíquico, mas sim como um indivíduo psicofísico, como o encontramos na realidade. Somente este monismo corresponde aos fatos, enquanto que a separação dualista em corpo e alma é uma hipótese não demonstrável e inútil para a interpretação da vida psíquica, mesmo quando essa separação navega sob a bandeira monista, na forma de almas-átomo ou de uma energia psíquica anônima. Do ponto de vista deste único monismo justificado cientificamente, os processos psíquicos da vida devem ser vistos como componentes inseparáveis da vida humana e animal. Eles devem ser julgados de acordo com as propriedades que são imanentes a eles mesmos, e não de acordo com leis relacionadas a outras áreas dos fenômenos, cuja formulação não levou, de forma alguma, tais propriedades em consideração. Aliás, não há a menor contradição no fato de que os fenômenos da vida física e da vida psíquica sigam diferentes leis, desde que estas leis sejam compatíveis com a unidade real do indivíduo psicofísico. Na verdade, não se pode nem falar, portanto, de uma tal incompatibilidade porque, em primeiro lugar, ambos os tipos de fenômenos são de natureza díspar e, em segundo lugar, porque de fato, de acordo com o que sabemos, sempre que essas séries de fenômenos convergem numa unidade do indivíduo, elas obedecem a um princípio de alocação segundo leis. Então, por exemplo, a lei das resultantes criativas não está de forma alguma em contradição com a lei da conservação de energia, porque as medidas, de acordo com as quais os valores psíquicos são determinados, são absolutamente incomparáveis com aquelas através das quais medimos as dimensões físicas. Nós julgamos o psíquico de acordo as suas dimensões de valor e o físico de acordo com seus valores dimensionais, o que quer dizer que a dimensão física em si, na verdade, não permite nenhuma medida de valor, já que o próprio conceito de valor tem sua origem somente no aspecto psíquico. De fato, a dimensão física só se torna acessível a uma tal medida de valor, quando a consideramos um objeto de julgamento comparativo, ou seja, quando a traduzimos de certa forma para

¹² Wundt não se refere ao monismo espiritualista mas ao monismo materialista, que é um pressuposto filosófico, segundo o qual, todos os fenômenos se remetem às leis naturais.

o psicológico. Porém, valores díspares são absolutamente incomparáveis enquanto forem inacessíveis a uma transformação de um desses valores no outro. Assim, podemos comparar calor com trabalho mecânico, porque eles podem ser transformados um no outro, de acordo com a sólida lei da equivalência. Contudo, não podemos comparar uma percepção tonal com uma percepção de luz, uma ideia visual com um acorde, porque a transformação desses conteúdos psíquicos uns nos outros é impensável. Como as dimensões físicas, em consequência de sua transformabilidade, em si mesma ilimitada, das energias físicas de acordo com relações de equivalência, estão sujeitas ao princípio da energia constante, então, de maneira inversa, não faz nenhum sentido querer aplicar este princípio sobre valores psíquicos quantitativos e de intensidade, que, consistentemente, não permitem esse tipo de transformação. No entanto, isto se relaciona com o fato de que o objeto da psicologia é toda a multiplicidade dos conteúdos qualitativos da nossa experiência, que nos são proporcionados diretamente, e que seriam em sua peculiaridade aniquilados, se quiséssemos transformá-los em quaisquer outros. Portanto, os fenômenos físicos examinados pelas ciências naturais juntamente com suas leis não se opõem, de forma alguma, aos conteúdos qualitativos da vida, que são contemplados pela psicologia. Ao contrário, eles se complementam, já que devemos aglutinar ambos, se quisermos compreender a vida de cada ser psicofísico, que nos é apresentado em sua unidade.

Valores dimensionais físicos e dimensões de valor psíquicas de um substrato estão ligados entre si
 Contudo, a incomparabilidade das propriedades não poderia existir junto com a unidade de seu substrato, se os valores dimensionais físicos (*die physischen Größenwerte*) e as dimensões de valor psíquicas (*die psychischen Wertgrößen*) neste substrato não estivessem ligados entre si. Esta ligação consiste no fato de que, por um lado, os elementos físicos, quer sejam eles átomos ou partes de uma matéria contínua, deveriam ser necessariamente pensados por nós nas formas de ideias de espaço e tempo, surgidas de acordo com leis psíquicas. Por outro lado, os elementos psíquicos, as percepções e sensações simples, são inalienavelmente alocados a certos processos físicos. Aliás, estes últimos não precisam de maneira alguma ter uma constituição simples, como se assumiu até agora por causa de pré-julgamentos metafísicos. Na verdade, aqui, o contrário é mais aplicável, como a experiência, à qual cabe a decisão de modo exclusivo em relação a esta questão, incontestavelmente nos ensina. Pois toda percepção simples se mostra atrelada a uma inter-relação extremamente intrincada de processos do sistema nervoso central e periférico. O mesmo ocorre com toda sensação elementar, assim como

demonstra a multiplicidade de fenômenos de expressão¹³ (*Ausdruckserscheinungen*), dos quais a mais simples excitação sensorial é acompanhada.

Crítica do princípio do paralelismo entre o psíquico e o físico

Mas se, em contradição a essa correlação efetiva de conteúdos psíquicos simples, isto é, irreduzíveis com processos físicos complexos, for, de maneira inversa, introduzido o postulado metafísico da correspondência do “simples” psíquico com o “simples” físico, então, o passo seguinte de assumir uma correspondência contínua entre essas duas séries de fenômenos até os mais elevados e complicados conteúdos da consciência, também está próximo. Assim, tal relação, baseada em lei, dos elementos psíquicos com os processos físicos se transforma em um paralelismo metafísico, no qual, em conteúdo e forma, o psíquico é uma réplica dos fenômenos físicos e o físico, uma réplica dos fenômenos psíquicos. Esse pré-requisito encontra sua expressão na seguinte passagem de Espinoza: “A ordem e a associação das ideias são o mesmo que a ordem e a associação das coisas”. Esta passagem era aceitável, enquanto o lado físico das propriedades dos seres vivos ainda era pouco conhecido, e enquanto ainda não se havia dado conta dos princípios psicológicos, que controlam a associação dos processos da consciência, desde as mais simples percepções dos órgãos dos sentidos até os mais complexos processos de pensamento. Por isso, naquele tempo, a filosofia podia se permitir construir a realidade a partir de conceitos abstratos como substância e causalidade. Hoje, até mesmo a metafísica, se exigir respeito, precisa se apoiar em fatos reais, e não em conceitos utilizados de acordo com motivos puramente lógico-dialéticos. Mesmo sob este ponto de vista, quando se considera a figuratividade da expressão, permanece um “princípio do paralelismo psicológico”, no sentido de que não existe nenhum processo psíquico, desde os mais simples elementos de percepção e sensação até os mais intrincados processos de pensamento, que não se desenrole em paralelo com processos físicos. Mas como os elementos de percepção e de sensação são absolutamente incomparáveis com o seu substrato físico, de tal modo que nem mesmo processos simples de um correspondam a processos relativamente simples do outro, então, isso é válido, naturalmente, também para todos os outros conteúdos da consciência construídos a partir destes elementos. Encontramos, por todos os lados, o físico e o psíquico como propriedades incomparáveis do indivíduo psicofísico unificado, sendo que cada uma dessas propriedades deve ser julgada de acordo com as leis de associação dos elementos, que se expressam nessa mesma propriedade. Como essas propriedades são elas próprias díspares, então, não pode jamais

¹³ Fenômeno de expressão é uma expressão corporal visível externamente, como por exemplo corar, chorar, contração muscular involuntária de alegria ou medo, alteração do tom de voz. Ela é controlada pelo sistema nervoso autônomo e acompanha eventos psíquicos.

ocorrer que os princípios recíprocos entrem em contradição entre si. Ao contrário, quando queremos transferir as relações válidas apenas para um lado dos fenômenos da vida para o outro lado, entramos em antagonismo com os fatos ou precisamos renunciar a uma interpretação do domínio colocado, dessa maneira, sob pontos de vista estranhos. Assim, de acordo com a posição atual da psicologia, que também deve permanecer como parâmetro para as considerações filosóficas, só se pode falar de um “paralelismo” entre o psíquico e o físico, se todos os elementos da vida psíquica estiverem atrelados a processos físicos orgânicos. No entanto, as associações destes elementos psíquicos não podem jamais ser julgadas de acordo com as leis válidas para as associações dos processos físicos da vida, senão estaremos eliminando o que é mais característico e significativo da vida psíquica. Argumentou-se, eventualmente, contra esse reducionismo do princípio do paralelismo, que seria inconsequente e não satisfatório. Essa crítica se baseia, em primeiro lugar, na interferência de uma metafísica a priori dos tempos passados, que, em sua essência, já foi ultrapassada desde muito pela ciência, e, em segundo lugar, na ignorância sobre a verdadeira tarefa que a psicologia tem a executar. Esta tarefa nunca pode consistir no fato de que, no lado psíquico dos processos da vida, sejam utilizados princípios que não pertençam a esse lado. Ao contrário, tal tarefa deve se direcionar para a aquisição de princípios a partir dos conteúdos da vida psíquica, exatamente como, no outro lado, o exame fisiológico das trocas de matéria e energia no organismo não se ocupa nem um pouco, e com razão, das propriedades psíquicas dessas trocas. Porque a verdadeira unidade da vida não é obtida pela subordinação de fenômenos reais a leis com as quais eles não têm absolutamente nenhuma relação, mas, ao contrário, levando-se em consideração todos os aspectos da vida e as relações desses aspectos uns com os outros.

Quarta parte – A questão da essência da alma

A concepção de alma no pensamento primitivo e na mitologia

A partir dos pontos de vista, que foram desenvolvidos aqui, sobre a relação das leis psíquicas com as leis naturais e sobre a associação de ambas com a unidade, podemos decidir também sobre uma questão de origem mitológica, que passou primeiro da mitologia para a filosofia e a partir daí para a psicologia. É a questão da essência da alma. Para o pensamento primitivo, a alma é um ser demoníaco, que reside no corpo todo, mas principalmente em certos órgãos preferidos, como no coração, nos rins, no fígado, no sangue. Junto com esta concepção, que é a mais antiga, de uma alma-corpo, surge cedo também uma segunda, que vê na alma um ser ligado apenas externamente às partes do corpo. Tal ser deixa o corpo na morte, com o último suspiro, e também temporariamente, durante o sono, nos contornos

imagéticos¹⁴ (*Schattenbilder*) do sonho. Ele era chamado de alma-alento ou alma-sombra. Ambas as ideias são, desde cedo, associadas uma com a outra, apesar do seu antagonismo interno, e mesmo que, visivelmente, já no pensamento mitológico, a alma-alento ou psique cada vez mais suprima as ideias da alma-corpo.

A concepção de alma na filosofia

Essencialmente, o desenvolvimento de conceito de alma na filosofia oferece uma cópia desse desenvolvimento mitológico. A filosofia antiga, assim como a medieval, que seguiu suas pegadas, prende-se à alma-corpo. Para ela, a alma é a força motriz de todos os processos vitais, inclusive os físicos, como por exemplo a alimentação e a reprodução. Concomitantemente, segundo essa filosofia, as atividades psíquicas mais elevadas estão atreladas a um ser específico separado do corpo. Este ponto de vista, que apenas expande as concepções mitológicas em uma forma conceitualmente mais esclarecida, encontra sua expressão mais cientificamente perfeita na psicologia de Aristóteles. Mas não podemos omitir, que a vitória, que a “psique separada do corpo” já havia alcançado sobre a “alma-corpo”, na mitologia, e que, aliás, já estava preparada na obra clássica de Aristóteles, conduziu, por fim, a uma soberania absoluta desse ser-alma independente, em cujas propriedades, se podia enxergar cada vez mais uma total oposição às propriedades do corpo regido por leis puramente materiais. Este desenvolvimento culminou no sistema de Descartes, o filósofo que fechou o período do Renascimento. A partir daí, o corpo é considerado uma substância com extensão¹⁵ e subordinada às leis mecânicas, oposto à alma que, por sua vez, é uma substância sem extensão e puramente pensante. Ambas as substâncias estão, no entanto, durante a vida, externamente ligadas uma à outra num único ponto do cérebro, sobre cuja localização havia inúmeras hipóteses, desde quando Descartes escolheu a glândula pineal como sendo tal ponto, onde o corpo estaria em ação recíproca com a alma, que, por sua vez, era tida como análoga a um átomo material.

Crítica da hipótese dualística cartesiana

Aqui não é o lugar para seguir os rumos, que essas ideias continuaram a tomar na história da filosofia e da psicologia mais recentes. Para a noção fundamental da alma como uma substância permanente, cujos fenômenos mutantes, mas em si diferentes dela, deveriam ser considerados processos psíquicos,

¹⁴ *Schattenbild* é o contorno imagético (em vez de: imagem da sombra ou sombreada, ou simplesmente imagem), ou seja, é a imagem, o contorno deixado pela sombra de um corpo projetada sobre alguma superfície.

¹⁵ Extensão no sentido da propriedade fundamental de extensão da matéria.

todos esses rearranjos da hipótese dualística não têm nenhuma importância decisiva. Tais rearranjos podem ser a transformação, de acordo com Spinoza, de duas substâncias em dois atributos, para os quais vale um paralelismo ilimitado, ou podem ser a redução, de acordo com o materialismo, da substância da alma em uma propriedade da substância corporal, que é a única admitida como realidade. No entanto, é evidente, que esses desenvolvimentos da hipótese da substância entram tanto mais em antagonismo com as próprias leis da vida psíquica, quanto mais eles se esforçam para eliminar o conceito contraditório das duas substâncias, que deveriam ser fundamentalmente diferentes, mas ao mesmo tempo atreladas a uma unidade. Portanto, a alma cartesiana é incompatível com a nossa experiência fisiológica de hoje do substrato corporal da vida psíquica. Assim, o monismo metafísico nessas duas formas, que associam a substância da alma e do corpo em uma unidade, abole totalmente a possibilidade de um conhecimento da vida psíquica.

Crítica da hipótese da substância como base de uma explicação para a vida psíquica

Por isso, confrontamos o conceito metafísico da substancialidade com o princípio psicológico da atualidade da alma (*Aktualität der Seele*). Os processos psíquicos não são uma fachada efêmera, que se contrapõe, de forma desconexa, à própria alma como ser permanente e em si não cognoscível, tanto que a tentativa de associar ambos se torna necessária para um tecido de efeitos e contra-efeitos fictícios, aos quais se dá, arbitrariamente, os nomes convencionais de ideia, sensação, empenho, etc. Um exemplo claro da falta de resultados de tal esforço, de fazer da substância a base de uma explicação sobre a vida psíquica, é a última, e mais minuciosa, dessas tentativas: a “Mecânica das Ideias” (*Mechanik der Vorstellungen*) de Herbart¹⁶. Certamente, todos os acontecimentos psíquicos são um perpétuo ir e vir, fazer e vir a ser. Mas nenhuma substância supra-sensorial contraposta a tais acontecimentos nos ajuda a compreendê-los, em cada uma de suas partes ou sequer na inter-relação das mesmas. A percepção sensorial é um produto de puros elementos de percepção; o afeto é um percurso de sensações experimentadas diretamente; o processo de pensamento é uma associação, estabelecida em si mesma, de suas partes integrantes. Em nenhum lugar, estes fatos da vida psíquica real necessitam de um outro substrato para a sua interpretação, exceto aquele que está dado nela mesma. Além do mais, a unidade desta vida não ganha nada, se adicionarmos ao seu próprio contexto

¹⁶ A “Mecânica das Ideias” do filósofo e psicólogo alemão Johann Friedrich Herbart (1776 - 1841) postula que nossa alma é uma realidade não cognoscível, que é apenas a base para a coexistência da multiplicidade de ideias, que se alteram, que inibem e promovem umas as outras. Para Herbart, a psicologia é, portanto, a teoria da auto-conservação da alma, ou melhor ainda, das suas ideias (Vorländer, 1919, p. 332). Segundo Wundt (1897, p. 186), esse tipo de teoria se baseia apenas em construções especulativas, que não consideram, de modo algum, as condições empíricas da experiência.

uma substância a mais, que não é nem percebida nem vivida realmente, mas que, ao contrário, se contrapõe a essa vida psíquica fundamentada em si mesma, como repetição conceitual abstrata dela.

Não somente a psicologia mas todas as ciências humanas se baseiam apenas em fatos da vida psíquica para a compreensão dos fenômenos

Assim, apenas precisamos olhar para as áreas do conhecimento mais próximas da psicologia, ou seja, as ciências humanas, para nos conscientizarmos deste vazio e desta esterilidade do conceito psicológico de substância. O próprio nome “ciências humanas” é de direito apenas na medida em que estas áreas se baseiem em fatos da psicologia, que é a ciência humana (*Geisteswissenschaft*) no sentido¹⁷ mais geral da palavra. Mas quando um historiador, um filólogo ou um jurista se serviria de outros recursos, para a compreensão dos fenômenos, e de outros argumentos para a demonstração de suas teses, senão daqueles tomados dos fatos diretos da vida psíquica? E, portanto, como o ponto de vista da psicologia deveria se movimentar, estando em total antagonismo com essas áreas mais próximas a ela? A psicologia não deve apenas se esforçar para ser um alicerce útil para as ciências humanas, mas deve se ver, ao mesmo tempo, dependente das ciências da história, se quiser obter uma compreensão dos processos mentais mais evoluídos. A favor disso, atesta claramente a nova disciplina da “psicologia dos povos”, que é inteiramente baseada nessas relações com as ciências da história, e que estabelece a próxima área de transição entre a psicologia e cada uma das ciências humanas.

A investigação do indivíduo psicofísico unificado e o princípio da atualidade da alma

Inequivocamente, a psicologia metafísica dos tempos modernos, que emerge da teoria de Descartes sobre as duas substâncias essencialmente diferentes, mas mesmo assim ligadas externamente uma à outra, é, contudo, mais estranha à realidade da vida psíquica do que a teoria da metafísica antiga, que via na alma o princípio da vida ou, de acordo com a expressão aristotélica, a força que age em função de um propósito, da qual surgiria a totalidade dos fenômenos da vida, tanto físicos quanto psíquicos. Esta última tentou, pelo menos, levar em conta a unidade da vida, que o dualismo vulgar precisa tratar como um milagre, se não quiser considerar nem o psíquico como uma réplica confusa do físico, nem o contrário, isto é, o físico como uma mera ideia subjetiva, sem realidade própria. Da mesma forma, o

¹⁷ Wundt se refere à raiz *Geist*, que significa literalmente “mente”, do termo *Geisteswissenschaft*, que, por sua vez, é traduzido usualmente como ciência humana.

caminho da antiga teoria vitalista¹⁸ da alma (*vitalistische Seelenlehre*) também se tornou, para nós, impossível de ser percorrido. Porque essa teoria tenta se conformar com a unidade da vida apenas substituindo a explicação causal dos fenômenos primeiramente necessária por um conceito de propósito, que abrange tudo. Tal conceito, na sua indeterminação, não faz justiça nem à singularidade dos processos psíquicos, nem aos requisitos da explicação naturalística, referente ao aspecto físico dos fenômenos da vida. No entanto, não podemos de forma alguma conectar formando uma unidade, de um lado, alimentação, reprodução, movimento e, de outro, percepção, fantasia, raciocínio, apesar de todos os fatos, que apontam para esses conceitos, terem um propósito, no que diz respeito à inter-relação dos fenômenos da vida. Eles se opõem a tal conexão, não porque estejam ligados a substratos essencialmente diferentes, mas porque se baseiam em abordagens absolutamente diferentes dos processos da vida, que nos são apresentados de forma unificada. Alimentação, reprodução, movimento são processos orgânicos, que pertencem à natureza objetiva. E, graças às suas próprias características, as ideias, que construímos sobre eles, valem como sinais, que indicam uma realidade independente da nossa consciência. Portanto, devemos nos abstrair dos processos subjetivos da consciência ligados a esses processos orgânicos, quando os examinamos assim como quando contemplamos os fenômenos naturais fora do nosso corpo, se quisermos conhecê-los em seu contexto natural e objetivo. Por outro lado, as nossas ideias, em sua condicionalidade subjetiva, nossas sensações e afetos são experiências vividas diretamente, que a psicologia busca compreender, justamente no modo como elas surgem, procedem e se relacionam entre si na consciência. Consequentemente, é o mesmo indivíduo psicofísico, em si formando uma unidade, que fisiologia e psicologia têm como objeto. Mas ambas contemplam esse objeto sob diferentes pontos de vista: a fisiologia o considera um objeto da natureza externa, encerrado no contexto dos processos físico-químicos, dos quais a vida orgânica é composta, e a psicologia, a inter-relação das nossas experiências conscientes. Mas, dois fatores pertencem a qualquer tipo de conhecimento: o sujeito conhecedor e um objeto pensado independentemente desse sujeito. A investigação do sujeito nas suas características, que nos são dadas na consciência humana, constrói, assim, não somente um complemento necessário ao exame, feito pelas ciências naturais, do próprio ser humano, mas também ganha uma importância mais universal: todos os valores mentais e seu desenvolvimento surgem dos processos da consciência vividos diretamente e, portanto, somente podem ser compreendidos a partir de tais processos. Mas isto é, e nada além, o que chamamos de princípio da atualidade da alma (*Prinzip der Aktualität der Seele*).

¹⁸ O vitalismo é uma posição filosófica, segundo a qual a vida não pode ser completamente reduzida às coisas materiais e leis mecânicas. Os seres vivos contêm uma força vital, ou seja, alma, que não existe em objetos inanimados (Hergenhahn, 2009, p. 19).

Índice nocional e de correspondência vocabular

Aktualität der Seele

Atualidade da alma

Nesse caso, o termo “atualidade”, não se refere a contemporaneidade. Segundo Wundt (1897, p. 368), a atualidade da alma descreve, como essência da mesma, a realidade direta dos próprios processos da consciência. A teoria da atualidade da alma tem, de fato, origem na filosofia e se opõe à teoria da substancialidade da alma, segundo a qual a alma seria uma substância.

Assimilation und Dissimilation

Assimilação e dissimilação

São processos associativos que modificam a ideia do sujeito sobre objetos justapostos muito ou pouco contrastantes. Assim, na assimilação, objetos visuais pareados e com uma diferença mínima de tamanho entre eles, tendem a ser percebidos como mais iguais do que de fato o são. Já na dissimilação, o pareamento de objetos visuais de tamanhos muito diferentes tende a ser percebido como mais contrastante do que é na realidade (Wundt, 1911, pp. 62-63).

Assoziation

Associação propriamente dita

São as associações (*Verbindungen*), que ocorrem de maneira passiva (Wundt, 1911, p. 54), sendo, portanto, diferentes das associações de apercepção (*Apperzeptionsverbindungen*).

As associações propriamente ditas podem ser simultâneas ou sucessivas. As associações simultâneas podem ser assimilações (associações que ocorrem entre formações psíquicas do mesmo tipo) ou complicações (associações que ocorrem entre formações psíquicas de tipos diferentes). As associações sucessivas compreendem os processos de reconhecimento perceptivo e os processos de memória (Wundt, 1897, pp. 262-291).

Apperzeption

Apercepção

Apercepção é o processo através do qual qualquer conteúdo psíquico é claramente compreendido, ou seja, é a percepção acompanhada de atenção (Wundt, 1897, p. 245).

Apperzeptionsverbindung

Associação aperceptiva

São associações que resultam do comportamento ativo da atenção (Paßkönig, 1912, p. 82). Elas podem ser funções simples de apercepção, como relação e comparação, ou funções compostas de apercepção, ou seja, síntese e análise (Wundt, 1897, pp. 291-314).

Bewußtsein

Consciência

A consciência é um conceito central na teoria de Wundt e é definida por ele como uma inter-relação de formações psíquicas (**Error! Reference source not found.**):

Como toda formação psíquica é composta por uma multiplicidade de processos mais elementares, que nem começam nem terminam todos exatamente ao mesmo tempo, então, a inter-relação que conecta os elementos formando uma unidade vai em geral sempre além desta unidade. Assim, objetos diferentes, simultâneos ou sucessivos, são novamente conectados uns com os outros, mesmo que de maneira solta. Esta inter-relação de formações psíquicas é chamada de consciência (Wundt, 1897, p. 238).

Assim, segundo Wundt (1897, p. 106), formações psíquicas, como imagens visuais, alegria, raiva, esperança, são expressões de processos psíquicos mais elementares como ideias, atos volitivos, sensações. Os processos psíquicos, por sua vez, são compostos de elementos psíquicos mais simples como percepções de luz e qualidades tonais.

Wundt complementa sua definição afirmando que:

a consciência não é uma simples soma de processos psíquicos sem consideração sobre como estes processos se relacionam uns com os outros. Na verdade, a importância da consciência está no fato de que ela expressa essa associação universal dos processos psíquicos, da qual cada um dos objetos emerge como estreitas associações (Wundt, 1897, p. 238).

Sendo as associações o alicerce fundamental da consciência e para melhor compreendê-la, podemos nos perguntar como tais associações ocorrem. No entanto, Wundt não se aprofunda neste ponto em suas obras. Como indaga William James (1890, p. 3):

Esta multiplicidade de ideias, existindo de forma absoluta, ainda assim grudadas umas às outras, e tecendo um tapete infinito de si mesmas, como dominós em mudança incessante, ou os pedaços de vidro em um

caleidoscópio,- de onde elas tiram suas leis fantásticas de apego, e por que elas se grudam apenas da forma que o fazem?

Bewußtseinsvorgang

Processo da consciência

Beziehende Relationen

Relações relacionais

(em vez de: relações condicionantes)

Isto é, relações que se relacionam entre si. A tradução literal seria “relações relacionantes”.

Empfindung

Percepção

(em vez de: sensação)

Wundt (1897, p. 34) define “percepção” da seguinte forma:

Aos elementos do conteúdo objetivo da experiência damos o nome de elementos de percepção ou simplesmente percepção; por exemplo, um som, uma certa percepção de calor, frio, luz etc, quando deixamos de lado todas as associações destas percepções com outras, assim como toda ordem espacial e temporal das mesmas.

Já as sensações (*Gefühle*) são subjetivas, por exemplo, sentimos (*fühlen*) alegria, dor ou tristeza, mas temos a percepção (*empfinden*) de pressão, temperatura etc.

Erscheinung

Fenômeno

(em vez de: aparição)

Na época de Wundt, a psicologia era definida por alguns como a ciência da alma, da psique, cujos objetos a serem estudados, os processos psíquicos, eram contemplados como fenômenos. Wundt amplia o escopo dessa ciência ao considerar também os fenômenos naturais como objetos de estudo

da psicologia, na medida em que são vistos como produtores de ideias na consciência humana (Wundt, 1897, pp. 1-2).

Gefühl

Sensação

(em vez de: sentimento, emoção)

Segundo Wundt (1897, p. 34), ao contrário das percepções, que são elementos psíquicos objetivos, as sensações são elementos subjetivos. Elas são sentimentos ou emoções simples que acompanham as percepções de luz, som, gosto, cheiro, quente, frio, dor, ou surgem com a visão de um objeto agradável ou em um momento de atenção. As sensações estão sempre mudando pois, além de estarem relacionadas a certas concepções ou ideias, também fazem parte dos processos psíquicos impermanentes.

Geisteswissenschaften

Ciências Humanas

(em vez de: ciências mentais)

Embora *Geist* signifique literalmente “mente” ou “espírito”, *Geisteswissenschaften* se refere, de fato, a todas as ciências humanas. Wundt cita a filologia, a história, as ciências sociais e políticas como *Geisteswissenschaften* (Wundt, 1897, p. 4).

Gemeingefühl

Sensação básica

Literalmente *Gemeingefühl* significa sensação geral ou comum. Este termo era comum, na fisiologia e psicologia do século XIX, para descrever a experiência do corpo na fronteira entre o psíquico e o físico (Mayer, s.d.).

Segundo Wundt, a sensação básica é subjetiva e surge de uma variedade de sensações parciais, porém, não é uma mera soma delas, mas uma sensação total resultante e unificada, de estrutura mais simples possível (Wundt, 1897, p. 190). Por exemplo, a sensação dor a partir de percepções táteis intensas é uma sensação básica.

Gesetzmäßig

Baseado em leis, segundo leis

(em vez de: legítimo, regular, conforme a lei)

Gesetzmäßigkeit

Regularidade

No sentido de ser baseado em leis.

Heterogonie

Heterogonia

(em vez de: heterogenia), significando, principalmente na filosofia, o surgimento de algo novo, diferente (do grego *heteros*: diferente e *gignomai*: surgir, nascer).

Intensiv

De intensidade

(em vez de: quantitativo, intensivo), referindo-se à dimensão de intensidade, por exemplo, de uma sensação ou percepção.

Psychisches Gebilde

Formação psíquica

(em vez de: objetos psíquicos)

É todo objeto composto da nossa experiência direta, que, através de certas características, se distingue de outros conteúdos do mesmo tipo, ou seja, ele é considerado como uma unidade relativamente independente. Dessa forma, expressões como ideias, afetos, atos volitivos são classes gerais de formações psíquicas. Já ideias visuais, alegria, ira, esperança são tipos de formações psíquicas dentro de tais classes gerais (Wundt, 1897, p. 106).

Physische Größenwerte

Valores dimensionais físicos

(em vez de: valores físicos, medidas físicas)

Segundo Wundt, avaliamos algo físico de acordo com seus valores dimensionais, isto é, a partir dos valores atribuídos às suas dimensões de comprimento, massa, tempo etc.

Psychische Wertgrößen

Dimensões psíquicas de valor

(em vez de: valores psíquicos)

Segundo Wundt, avaliamos algo psíquico de acordo com as suas dimensões de valor, isto é, não a partir dos valores em si de cada dimensão, mas a partir do tipo de dimensão. Então, por exemplo, o essencial é sabermos se uma percepção é luminosa ou se é tonal e não os valores, de intensidade por exemplo, destas dimensões de luz e de tom, principalmente se considerarmos que estas dimensões não são comparáveis ou conversíveis, ao contrário do que ocorre nos fenômenos físicos.

Seelenleben

Vida psíquica

(em vez de: vida da alma)

Seele significa literalmente “alma” em alemão, relacionando-se com a personagem da mitologia grega Psiquê, que é a personificação da alma.

Unmittelbare Erfahrung

Experiência direta

(em vez de: experiência imediata), no sentido de não ser mediado por outro objeto ou processo.

Experiência direta é um conceito central na teoria wundtiana, pois diferencia a psicologia das ciências naturais, que estudam o objeto da experiência, em sua constituição, independentemente de como é pensado pelo sujeito, e, portanto, de maneira indireta ou mediada, por exemplo, pela abstração. Já a psicologia examina o conteúdo da experiência em sua relação direta com o sujeito (Wundt, 1897, p. 3).

Verbindung

Associação

(em vez de: união, ligação, combinação)

Segundo Wundt, todos os processos psíquicos são também associações psíquicas, pois todos os elementos psíquicos existem somente em associações, tanto que tais elementos apenas podem ser considerados separadamente através de análise e abstração. As associações, que ocorrem de maneira passiva, Wundt nomeia de associações propriamente ditas (*Assoziationen*), e as que resultam do comportamento ativo da atenção são as associações de apercepção (*Apperzeptionsverbindungen*) (Paßkönig, 1912, p. 82), (Wundt, 1911, p. 54).

Dessa forma, Wundt expande a concepção geral de “associação” dos filósofos ingleses do século XVIII, Hartley and Hume, fundadores da psicologia da associação, categorizando e diferenciando os tipos de processos associativos da consciência humana (Wundt, 1897, pp. 262-263).

Völkerpsychologie

Psicologia dos povos

(em vez de: psicologia racial)

A psicologia individual tem como objeto os fenômenos da consciência individual. No entanto, o indivíduo não vive em isolamento, mas pertence a uma comunidade “mental”, que o influencia e que é influenciada por ele. Assim, surge um subcampo da psicologia, a saber, a psicologia dos povos, que tem como objeto de estudo os processos mentais dessas comunidades e os produtos mentais da comunidade, que resultam de tais processos (Paßkönig, 1912, p. 117).

Vorstellung

Ideia

(em vez de: noção, concepção, representação)

Wundt afirma, explicitamente, que o conceito de *Vorstellung* corresponde à palavra *idea* do inglês, utilizada por Hume na sua teoria da associação (Wundt, 1897, p. 263).

Wirkung***Efeito***

(em vez de: influência, força)

Zerlegung***Decomposição***

(em vez de: análise)

Na teoria associativa de Wundt, a operação de decomposição dos objetos em suas partes associadas é essencial para a análise dos fenômenos psíquicos.

Zusammengesetzt***Composto***

No sentido de ser formado por vários componentes associados entre si.

Zusammenhang***Inter-relação, interconexão***

(em vez de: relação, combinação, contexto, conexão)

As inter-relações têm um papel central na teoria associativa wundtiana, já que todos os processos psíquicos são associações. Nelas, não apenas os elementos têm relevância, mas também as inter-relações entre eles.

Zweck***Fim, propósito***

Referências

- Hergenhahn, B. R. (2009). *An Introduction to the History of Psychology* (6a ed.). Belmont: Wadsworth, Cengage Learning.
- Mayer, K. C. (s.d.). *Zönästhesie*. Acesso em Julho de 2014, disponível em Glossar Psychiatrie / Psychosomatik / Psychotherapie / Neurologie / Neuropsychologie: http://www.neuro24.de/show_glossar.php?id=1817
- Paßkönig, O. (1912). *Die Psychologie Wilhelm Wundt: Zusammenfassende Darstellung der Individual-, Tier- und Völkerpsychologie*. Leipzig: Verlag von Siegismund & Volkening.
- Vorländer, K. (1919). *Geschichte der Philosophie* (5a ed., Vol. 2). Leipzig: Felix Meiner.
- Wundt, W. (1897). *Grundriss der Psychologie* (2. ed.). Leipzig: Verlag von Wilhelm Engelmann.
- Wundt, W. (1911). *Einführung in die Psychologie*. (R. Schulze, Ed.) Leipzig: R. Voigtländers Verlag.
- Wundt, W. (1911). Gesetze des Seelenlebens. Em R. Schulze (Ed.), *Einführung in die Psychologie* (pp. 101-129). Leipzig: R. Voigtländers Verlag.
- Wundt, W. (1912). *An introduction to psychology*. (R. Pintner, Trad.) New York: The Macmillan Company.